

CAPÍTULO 21

TRAJETÓRIAS DE MULHERES TRAVESTIS E TRANSEXUAIS NA DOCÊNCIA: UM ESTADO DA ARTE

Maria Aparecida Alves da Costa

Professora do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE-UECE). Doutora e mestra em Educação pelo PPGE-UECE. Integrante do Grupo Práticas Educativas Memórias e Oralidades. Instituto Federal de Educação Ciência e tecnologia do Ceará – IFCE, Fortaleza-CE, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/3305904539863361>
<https://orcid.org/0000-0001-5213-4869>

Francinalda Machado Stascxak

Professora da rede municipal de ensino de Fortaleza. Mestra e doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará. Integrante do Grupo Práticas Educativas Memórias e Oralidades. Universidade Estadual do Ceará
<http://lattes.cnpq.br/593171002518351>
<https://orcid.org/0000-0001-6152-4295>

Juliana Silva Santana

Professora da Universidade Estadual do Ceará. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará. Universidade Estadual do Ceará – UECE – Fortaleza - CE, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/7218143551127362>
<https://orcid.org/0000-0002-5234-4521>

Mar Silva

Das línguas e linguagens. Dos afetos e afetamentos. Dos encantos e feitiços. Das magias da palavra. Das não binariedades.

Mar, Maré Braba, Anansi Owere. Poeta, escritora, pedagoga, linguista, amante e amada. Integrante-coordenadora afetiva do Coletivo Mapinduzi. Minhas escrevivências são muitas. Minhas águas INdisciplinadas desaguam em diferentes áreas do conhecimento, percorrendo as encruzadas gênero-raça-infâncias-docências masculinas-linguagem-educação.

Atualmente, estou num processo de encantamento ao lado das minhas crianças bem pequenas. Vivo ao máximo, sou a poesia que faço.

Prefeitura Municipal de Fortaleza
<http://lattes.cnpq.br/1489832295920561>
<https://orcid.org/0000-0002-3463-5034>

Márcia Cristiane Ferreira Mendes

Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Mestra em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UECE); Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE). Professora do Centro Universitário Inta – Uninta. Membro do grupo de Pesquisa: Práticas Educativas, Memórias e Oralidades. Centro Universitário Inta – Uninta, Sobral – CE, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/6377103436374712>
<https://orcid.org/0000-0002-6219-7182>

RESUMO: Este artigo reflete sobre travestilidade e educação através de um estudo bibliográfico, um Estado da Arte, que objetivou mapear pesquisas científicas que abordam a docência de pessoas travestis. Desdobra-se da tese de uma das autoras e soma-se aos estudos de gênero e sexualidade em defesa da educação inclusiva e dissidente, engajada com os propósitos de uma sociedade equânime e diversa. Como procedimento metodológico, fizemos a busca em três bases de dados, a saber: o Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), na Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, utilizando os seguintes descritores: “professoras travestis”, “travestis na educação” e “docentes travestis”. Os principais achados deste estudo apontam as várias lacunas nas pesquisas educacionais no que tange à incipiente de investigações sobre docência de pessoas travestis e transsexuais na literatura científica e acadêmica. O que se destaca desse resultado é a necessidade de pesquisas que se debrucem sobre o assunto, levando em consideração diferentes perspectivas e pontos de vista.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Estado da Arte. Travestilidade. Professoras travestis.

TRAJECTORIES OF TRANSVESTITE AND TRANSSEXUAL WOMEN IN TEACHING

ABSTRACT: This article reflects on transvestitism and education through a bibliographical study, a State of the Art, which aimed to map scientific research that addresses the teaching of transvestites. It builds on the thesis of one of the authors and adds to gender and sexuality studies in defense of inclusive and dissident education, engaged with the purposes of an equitable and diverse society. As a methodological procedure, we searched three databases: the Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), the Scientific Electronic Library Online (SciELO) and the Capes Catalog of Theses and Dissertations, using the following descriptors: “transvestite teachers”, “transvestites in education” and “transvestite teachers”. The main findings of this study point to the various gaps in educational research with regard to the incipience of investigations into the teaching of transvestites and transsexuals in the scientific and academic literature. What stands out from this result is the need for further research on the subject, taking into account different perspectives and points of view.

KEYWORDS: Education. State of the Art. Transvestism. Transvestite teachers.

1. INTRODUÇÃO

Não somos iguais, somos diferentes e, na teia de lugares sociais que ocupamos, temos acessos completamente distintos aos direitos humanos.

(NASCIMENTO, 2020, p. 03).

É crescente e urgente a defesa por uma educação inclusiva, para a diversidade, amorosa, engajada - perspectivas educacionais que se pautam nos direitos humanos, na valorização das diferenças, na democratização do ensino e das aprendizagens e no

atendimento aos grupos historicamente subalternizados. Em resumo, o excerto utilizado como epígrafe retirado do texto produzido por Letícia Carolina, escrito durante o período de isolamento social causado pela pandemia de Covid-19, fez-nos lembrar que a desigualdade não é somente uma questão de diferenças individuais, mas também de como essas diferenças são sistematicamente abordadas e tratadas pela sociedade para com uma coletividade específica. Em teoria, todos têm os mesmos direitos humanos, contudo, na prática, as reais condições sociais e econômicas podem criar disparidades significativas na operacionalização desses direitos.

A partir desse mote e com a finalidade de discutir sobre tal temática, este artigo soma-se às demais produções acadêmicas, bem como aos movimentos sociais, no sentido de apoiar e fortalecer as discussões e problematizações sobre travestilidades e educação, sendo as identidades não binárias ainda fortemente invisibilizadas e marginalizadas socialmente, ao mesmo tempo em que se mostram resistentes, insurgentes e dissidentes, rompendo com as lógicas da heteronormatividade, do patriarcado, da cisgeneridade, dentre tantas outras que impõem padrões à humanidade, naturalmente diversa.

O texto em tela é do tipo Estado da Arte, ou seja, um achado de pesquisas sobre travestis na educação, suas histórias na docência e na vida, interseccionalmente articuladas. As buscas das pesquisas foram realizadas em três bases de dados e, além disso, transbordam da tese de uma das autoras deste estudo¹ que biografou a professora Letícia Carolina Pereira do Nascimento - uma referência em estudos transfeministas - com ênfase em sua trajetória formativa e docente.

Com o intuito de atribuir melhor fluência leitora, este artigo está organizado em quatro seções, sendo esta introdução, seguida da metodologia da pesquisa, da apresentação dos resultados e das discussões sobre as pesquisas encontradas e a apresentação das considerações finais.

2. METODOLOGIA

Este estudo possui uma característica pertinente aos estudos que a abordagem quantitativa não contempla, que é a subjetividade. De acordo com Flick (2009, p. 61) “Isso acontece pelo fato de a pesquisa qualitativa estar intimamente ligada à ideia da descoberta de novos campos e da exploração de áreas que são novas ao mundo da ciência e da pesquisa”, o que faz deste Estado da Arte uma forma de corroborar com tal assertiva.

É salutar, portanto, enfatizar que a pesquisa bibliográfica do tipo Estado da Arte é uma abordagem utilizada para mapear e analisar o conhecimento atual sobre determinado tema, área do conhecimento ou de estudo. Conforme as observações de Romanowski e Ens (2006, p. 39), os estudos do tipo Estado da Arte

¹ Tese “Educação e docência da travesti Letícia Carolina Pereira do Nascimento (2007-2018) de Maria Aparecida Alves da Costa. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=109654>

podem significar uma contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento, pois procuram identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move a pesquisa, as suas lacunas de disseminação, identificar experiências inovadoras investigadas que apontem alternativas de solução para os problemas da prática e reconhecer as contribuições da pesquisa na constituição de propostas na área focalizada.

Assim, as buscas realizadas a partir dessas perspectivas, possibilitaram a identificação e a síntese das principais discussões, debates e tendências na literatura acadêmica relacionada ao escopo da temática em tela, aqui tomada como objeto de estudo. Neste caso, foi essencial a realização desse processo a fim de compreendermos como se encontra a produção que trata das travestilidades e da educação, para nos apropriarmos da discussão existente, bem como para expandir o nosso conhecimento acadêmico dentro do contexto já publicizado.

A pesquisa foi realizada a partir da busca materializada em três importantes bases de dados, a saber: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), na Scientific Electronic Library Online (SciELO), no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações no período que compreende os meses de abril a junho de 2021.

A partir da temática “travestis na educação”, foi possível elencarmos alguns descritores individuais como: “professoras travestis”, “travestis na educação” e “docentes travestis” utilizados em todas as plataformas de busca sem, contudo, aplicar nenhum tipo de filtro pelo fato de esta ação limitar sobremaneira os resultados.

Em todos os portais de busca acessados para a materialização deste Estudo da Arte, aplicamos os mesmos descritores individuais. Assim, a busca foi realizada no campo assunto e sem a utilização de filtros, uma vez que, por esta ser uma temática pouco discutida, quando são aplicados os filtros, os resultados pouco aparecem ou zeram. Das três bases consultadas, encontramos um resultado de onze pesquisas que contribuem para a temática aqui discutida. Dentre elas, três são teses de doutorado, três são dissertações de mestrado e cinco são artigos publicados em periódicos científicos nacionais.

Depois de realizadas as etapas de busca, leitura e seleção, os onze trabalhos eleitos para integrar este EA encontram-se dispostos nos quadros que seguem. O Quadro 1 apresenta as dissertações e as teses e, assim, ressalta o título das pesquisas, o tipo, o ano, a autoria e as respectivas instituições onde foram defendidas. Já o Quadro 2 apresenta os artigos selecionados, em que traz o título da pesquisa, o ano, a autoria e o periódico no qual se encontram publicizados.

No tópico a seguir, serão apresentados e discutidos os achados desse processo de busca, que mostra o quanto essa temática encontra-se negligenciada pela academia e, concomitantemente, pela sociedade como um todo, pois deixa de trazer à tona múltiplos debates nos mais diversos espaços de interação entre envolvidos, interessados e sensibilizados com a temática.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta etapa, apresentamos as principais discussões tecidas pelos autores dos trabalhos selecionados, bem como suas contribuições para a produção do conhecimento no campo da educação imbricada à travestilidade e suas múltiplas especificidades. Nessa perspectiva, importa mencionar que, perante os estudos elencados neste Estado da Arte, foi possível descortinar que a temática da docência de professoras travestis e transexuais ainda se encontra em estágio incipiente, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Pesquisas encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e na BDTD

Título da pesquisa	Tipo/Ano	Autoria	Instituição
A pedagogia do salto alto: história de professoras transexuais e travestis na Educação Brasileira	Dissertação 2013	REIDEL	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
A diversidade entra na escola: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero	Dissertação 2009	FRANCO	Universidade Federal de Uberlândia
A emergência de professoras travestis e transexuais na escola: heteronormatividade e direitos nas figurações sociais e contemporâneas.	Tese 2012	TORRES	Universidade Federal de Minas Gerais
Professoras Trans brasileiras: ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar.	Tese 2014	FRANCO	Universidade Federal de Uberlândia
Quando o “estranho” resolve se aproximar: a presença da professora transexual e as representações de gênero e sexualidade no ambiente escolar.	Dissertação 2015	SANTOS	Universidade do Sul de Santa Catarina
Docências trans*: entre a decência e a abjeção.	Tese 2017	SANTOS	Universidade Federal do Paraná

Fonte: Elaboração própria (2021).

No que diz respeito aos trabalhos encontradas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, são pesquisas realizadas entre os anos de 2009 e 2017 em universidades federais de duas regiões brasileiras, sendo a região Sudeste com uma pesquisa na Universidade Federal de Minas Gerais e duas pesquisas na Universidade Federal de Uberlândia, estas do mesmo autor, ou seja, Neil Franco (2009 e 2014). Já na região Sul, existe uma pesquisa na Universidade Federal do Rio Grande Sul, uma na Universidade Federal do Paraná e outra na Universidade Federal de Santa Catarina.

É importante destacar também que cinco dessas pesquisas são realizadas em Programas de Pós-Graduação em Educação e apenas uma, a tese, “*A emergência de professoras travestis e transexuais na escola: heteronormatividade e direitos nas figurações sociais contemporâneas*” foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

Como resultados, as buscas no Portal de Periódicos da Capes e na SciELO com os descritores já mencionados, foi considerado um quantitativo de cinco trabalhos, conforme descrito no Quadro 2.

Quadro 2 – Pesquisas encontradas no Portal de Periódicos da Capes e na SciELO

Título da pesquisa	Ano	Autoria	Periódico
Professoras Travestis e Transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto	2015	SEFFNER; REIDEL	Curriculum sem Fronteira
Professoras <i>Trans</i> Brasileiras em seu processo de escolarização	2015	FRANCO; CICILLINI	Estudos Feministas
Professoras Transexuais e Travestis no Contexto Escolar: entre estabelecidos e outsiders	2014	TORRES; PRADO	Educação & Realidade
Mulheres, Travestis e Transexuais: interseções de gênero e políticas públicas	2018	MOREIRA <i>et al.</i>	Fractal: Revista de Psicologia
Educação Básica e o acesso de Transexuais e Travestis à educação superior	2020	LIMA	Revista do Instituto de Estudos Brasileiros

Fonte: Elaboração própria (2024).

No tocante às pesquisas encontradas no Portal de Periódicos da Capes, e na SciELO, cinco delas foram publicadas entre 2014 e 2020 e evidenciou que três desses artigos são resultados de Pesquisas de Pós-Graduação que encontramos no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, quais sejam: “Professoras Travestis e Transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto” (Sfenner; Reidel, 2015), “Professoras *Trans* Brasileiras em seu processo de escolarização” (Franco; Cicillini, 2015), “Professoras Transexuais e Travestis no Contexto Escolar: entre estabelecidos e outsiders” (Torres; Prado, 2014). Os outros dois artigos são mais recentes, um de 2018 e outro de 2020 e que, igualmente às pesquisas citadas, tratam da docência de professoras travestis e transexuais.

Diante dessa busca, importa destacar, nesse momento, a relevância do levantamento feito nas bases de dados que destacamos anteriormente, em que percebemos a incipienteza dos estudos voltados para mulheres travestis no cenário educativo brasileiro como docentes. A busca evidencia diversas lacunas em relação às pesquisas na área da educação. Dentre essas lacunas, destacamos a baixa produção de estudos sobre a travestilidade nas pesquisas científicas e acadêmicas. Os poucos resultados e, consequentemente, os poucos achados anunciam essa incipienteza de pesquisas nesse campo.

Percebemos, diante das pesquisas encontradas que, em sua maioria, trazem como procedimentos de coleta de dados entrevistas livres e semiestruturadas, nas quais os autores entraram em contato direto com as investigadas: mulheres travestis e transexuais. Notamos ainda, por intermédio de suas histórias de vida, que elas sofrem diversos tipos de preconceito e violência não só no meio social, mas também no seio familiar decorrentes das inúmeras estruturas de opressão que se interseccionam e que são mantidas pelo ideal de

normatividade, este que é, necessariamente desumano, visto que a diferença (e, portanto, a diversidade) são inherentemente características humanas.

Constata-se ainda que elas, jovens travestis e transexuais não encontram no ambiente escolar um espaço seguro e de acolhimento, onde possam vivenciar suas identidades em contexto aos conteúdos curriculares. A ausência de representatividade e as constantes situações de violência de gênero experienciadas dentro das escolas e das salas de aula - por professores(as), funcionários(as) e “colegas” de classe, reverberam sobremaneira no desenvolvimento pessoal, psicológico, social e escolar, forçando-as a desistir de frequentar a escola ainda na adolescência.

É importante destacar também que essas mulheres travestis e/ou transexuais que conseguem acesso à escola, nem sempre adquirem a permanência nesse ambiente, pois o preconceito ali vivido, às vezes, tanto da parte do corpo discente quanto docente, ocasiona um alto nível de evasão escolar não só para as jovens/mulheres trans, mas para todos os sujeitos integrantes da sigla LGBT (Franco; Cicillini, 2015).

Ponderamos, ainda, que não se trata, necessariamente, de evasão em decorrência de dificuldades na aprendizagem das estudantes, mas da criação e perpetuação de situações escolares que as colocam em situação de dificuldades para ali permanecerem. Esse movimento cruel não valoriza as múltiplas linguagens, os diversos contextos e cotidianos, as diferentes formas de expressão, tampouco, as múltiplas formas de existir.

Desdobra-se dessas condições, desde muito cedo, precarizadas, o fato de que algumas dessas mulheres sujeitam-se a encontrar diversos tipos de trabalhos e, por serem rejeitadas por serem quem e como são, o mercado de trabalho passa a também representar uma barreira à inclusão social. Assim sendo, algumas delas encaram a prostituição como “meio” de sobrevivência.

Pudemos considerar também que, mesmo diante do preconceito vivido por essas mulheres travestis e/ou transexuais, principalmente no período da adolescência, que é a fase da descoberta e da aceitação dessa mudança de gênero, essas pesquisas trazem histórias de vida que, de certa forma, mesmo diante das adversidades, quebraram paradigmas e, junto com essa ruptura, conseguiram conquistar seu espaço social. Espaço este que é negado pela sociedade normativa.

As trajetórias de vida das travestis e das transexuais descritas nas pesquisas analisadas assemelham-se, pois ainda são vistas como sujeitos que podem viver apenas à margem da sociedade e que ocupar um espaço público como a escola ou as universidades seria até uma afronta para os padrões sociais heteronormativos (Seffner; Reidel, 2015).

É salutar compreender que a discussão em torno de mulheres travestis no meio educacional é importante e urgente, assim como possui uma amplitude e uma complexidade a sua volta, uma vez que “diversos e enigmáticos caminhos são trilhados para que as fontes sejam alcançadas e analisadas minuciosamente para, no final, servirem à pesquisa pretendida” (Xavier; Fialho; Vasconcelos, 2018, p. 58).

Importa destacar que esse levantamento nas bases de dados não é um resultado fechado e imutável, uma vez que devemos considerar a instabilidade das bases de buscas que não abarcam todas as pesquisas produzidas no país, assim como de pesquisas anterior à Plataforma Sucupira.

Tal afirmação sustenta-se a partir de pesquisas feitas em repositórios de instituições isoladas, em que foi possível encontrar outras pesquisas sobre a temática, como pode ser exemplificado por meio dos seguintes estudos: *Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa*” tese de autoria de Luma Nogueira Andrade, defendida em 2012 na Universidade Federal do Ceará (UFC); “*Sobre coragem e resistência: contando a história de Leona, professora e mulher trans*”, dissertação de autoria de Rubens Gonzaga Modesto, defendida em 2015 na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP); “*Tia, você é homem? Trans da/na educação: Des(a)fiando e ocupando os “sistemas” de Pós-Graduação*” dissertação desenvolvida por Sara Wagner York, defendida em 2020 na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), dentre outras pesquisas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo, denominado Estado da Arte, objetivou mapear pesquisas científicas que abordam a trajetória de mulheres travestis e transexuais na docência. Nesse contexto, é crucial ressaltar a importância do levantamento realizado nas três bases de dados: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), na Scientific Electronic Library Online (SciELO) e no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, que revelou a escassez de estudos sobre mulheres travestis no cenário educativo brasileiro, especialmente no contexto delas enquanto docentes.

A análise das informações evidencia várias lacunas nas pesquisas educacionais, com uma carência significativa de investigações sobre a travestilidade na literatura científica e acadêmica. Os resultados limitados encontrados até agora sublinham a necessidade urgente de mais pesquisas nesse campo emergente. Constatamos, desse modo, a partir do mapeamento em busca de estudos que tratassem da docência de pessoas travestis a partir dos descritores “professoras travestis”, “travestis na educação” e “docentes travestis” retornaram o quantitativo ínfimo de apenas 11 trabalhos. Trabalhos estes que foram analisados conforme o escopo aqui elaborado.

Com o número reduzido de trabalhos, tal amostra não permite que façamos generalizações, mas nos encaminha em relação à necessidade urgente de mais pesquisas e publicações que abordem as diversas dimensões do reconhecimento da autonomia de todos os indivíduos no contexto educacional, independentemente de raça, classe social e, especialmente, de gênero. Tais estudos poderiam contribuir para uma história da educação mais completa e autêntica, refletindo que essa história também é feita por mulheres trans e travestis, por todas elas.

Como foi destacado em linhas anteriores, durante muito tempo, travestis e mulheres trans foram forçadamente marginalizadas. No atual período, acompanhamos um momento de insurgência, em que as vozes marginais encontram, ainda marginalizadas pelo poder heteropatriarcal sistematizado, fissuras e, com isso, traçam caminhos de possibilidades. A docência de mulheres trans e travestis revela vozes que se erguem, denunciando modelos de dominação e anunciando o fim do mundo como o conhecemos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L. N. de. **Travestis na escola:** assujeitamento e resistência à ordem normativa. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7600>. Acesso em: 30 ago. 2020.
- BENTO, B. A. de M. **O que é transexualidade.** São Paulo: Brasiliense, 2008.
- COSTA, M. A. A. da. Educação e Docência da Travesti Letícia Carolina Pereira do Nascimento (2007-2018). 2023. 207 f. Tese (Doutorado em 2023) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023. Disponível em: <http://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=109654>. Acesso em: 13 set. 2024.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa.** Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FRANCO, N. **Professoras Trans brasileiras:** ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13671>. Acesso em: 27 out. 2020.
- FRANCO, N. **A diversidade entra na escola:** histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras das sexualidades e do gênero. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/13769>. Acesso em: 27 out. 2021.
- FRANCO, N. CICILINI, G. A. Professoras trans brasileiras em seu processo de escolarização. **Rev. Estudos Feministas**, v. 23, n.2, 2025. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/7j66wSZQkm3fYPSntTrht5K/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 26 set. 2024.
- LIMA, Tatiane. Educação básica e o acesso de transexuais e travestis à educação superior. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil**, n. 77, p. 70-87, dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ieb/a/fYd7V5qLByWf9bY4MgCbqC/?format=pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- MODESTO, E. Transgeneridade: um complexo desafio. **Via atlântica**, São Paulo, n. 24, p. 49-65, 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268347171.pdf>. Acesso em: 6 mar. 2021.
- MOREIRA, M. I. C. et al. Mulheres, Travestis e Transexuais: interseções de gênero em documentos de políticas públicas. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 30, n. 2, p. 234-242, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/DbkPjhM9ywSdSqHD7PnW7Vs/?lang=pt>. Acesso em: 10 jun. 2021.

NASCIMENTO, L. C. P. do. Eu não vou morrer: solidão, autocuidado e resistência de uma travesti negra e gorda para além da pandemia. *Inter-legere*. v. 3, n. 21, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/21581>. Acesso em: 14 set. 2024.

REIDEL, M. **A pedagogia do salto alto:** história de professoras transexuais e travestis na Educação Brasileira. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SANTOS, D. B. C. dos. **Docências trans***: entre a decência e a abjeção. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/47741>. Acesso em: 12 ago. 2021.

SEFFNER, F. REIDEL, M. Professoras travestis e transexuais: saberes docentes e pedagogia do salto alto. *Revista Currículo sem Fronteiras*, v. 15, n. 2, 2025. Disponível em: <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss2articles/seffner-reidel.pdf> Acesso em: 26 set. 2024.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo estado da arte em educação. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba , v. 06, n. 19, p. 37-50, 2006. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2006000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 set. 2024.

TORRES, M. A. **A emergência de professoras travestis e transexuais na escola:** heteronormatividade e direitos nas figurações sociais contemporâneas. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS99GHDH/1/psicologia_marco_antonio_torres_tese.pdf. Acesso em: 23 ago. 2020.

TORRES, M. A. PRADO, M. A. Professoras transexuais e travestis no contexto escolar: entre estabelecidos e outsiders, *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 39, n. 1, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/dbgdxx9V7QvJDkV3DXk84Kp/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 26. set. 2024.

XAVIER, A. R; FIALHO, L. M. F.; VASCONCELOS, J. G. **História, Memória e Educação:** aspectos conceituais e teórico-epistemológicos. Fortaleza: EdUECE, 2018.

YORK, S. W. P. **Tia, você é homem?** Trans da/na educação: Des(a)fiando e ocupando os “sistemas” de Pós-Graduação. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.